

A burguesia brasileira em ação: de Lula a Bolsonaro

ANDRÉ FLORES PENHA VALLE E PEDRO FELIPE NARCISO (ORGS.)

Florianópolis: Enunciado Publicações, 2021. 318p.

*Luciana Raimundo**

Organizada por André Flores Penha Valle e Pedro Felipe Narciso, a obra *A burguesia brasileira em ação: de Lula a Bolsonaro* reúne textos contemporâneos e sínteses de variados trabalhos científicos. A coletânea amplia o corpo teórico das análises sobre a atuação política e econômica da burguesia brasileira, sem, contudo, homogeneizá-la em seus interesses e estratégias de atuação. Investigando diferentes contextos, os autores proporcionam aos leitores a percepção de uma interconectada e conflituosa dinâmica de ação.

Referenciados no corpo teórico de Nicos Poulantzas, os textos caracterizam a burguesia brasileira a partir da identificação de distintas frações de classe, como a burguesia nacional, a associada e a interna, e do processo de disputa por hegemonia no bloco no poder. A coletânea rompe com a dicotomia dos estudos que apontam a contradição entre capital e trabalho, entre capital financeiro e capital industrial, e avança nas análises classistas ao abordar as relações entre as frações burguesas a partir do porte, função e origem do capital.

Apresentada em duas partes, a obra percorre os governos Lula e Dilma, período considerado como neodesenvolvimentista; o governo Temer, período da aliança neoliberal; e o governo Bolsonaro, período neofascista. Durante os governos

* Doutora em Sociologia e Ciência Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: veialatina@gmail.com

petistas, a política econômica, segundo os autores, foi marcada por abertura comercial moderada, com a criação de medidas protecionistas e de reservas de mercado, tendo a burguesia interna exercido a hegemonia no bloco no poder, mas com avanços significativos da burguesia associada.

O estudo sobre a relação entre Brasil e China durante os governos Lula e Dilma aponta que, se, por um lado, ocorreu a intensificação da exportação de produtos primários brasileiros envolvendo a cadeia produtiva da soja e da indústria têxtil, considerando o grande capital nacional, por outro lado, houve a defesa de setores econômicos nacionais de médio porte, que sofreram forte concorrência com os produtos importados daquele país. No setor petrolífero, a migração do regime de concessão para o regime de partilha do pré-sal garantiu a presença pública na produção do setor, sem eliminar, contudo, a dependência do capital internacional.

No caso das construtoras brasileiras, ainda que tenham reivindicado maior participação junto aos governos petistas – especialmente em função de programas como o Plano de Aceleração do Crescimento, Minha Casa Minha Vida e Programa de Investimento em Logística – e tenham sido financiadas, em grande parte, por recursos do BNDES, houve dependência financeira e tecnológica externa. No agronegócio, em que a produção e a comercialização abarcam diferentes portes, funções e origens do capital, a burguesia interna, especialmente presente nos ramos de frigoríficos e de processamento de grãos, esteve majoritariamente sob o controle do capital nacional, não sendo o mesmo observado no ramo sucroalcooleiro, com forte presença do capital internacional.

Embora a política externa dos governos petistas reflita o esforço na diminuição da dependência do capital internacional, especialmente dos Estados Unidos, por meio de ações como o afastamento da Alca e a participação na criação dos Brics, no segundo governo Dilma, de acordo com os autores, verificou-se maior alinhamento entre a burguesia interna, com destaque à industrial, e a fração bancário-financeira. O baixo crescimento econômico e a rejeição à Nova Matriz Econômica deram fôlego às reivindicações da Fiesp pela integração do Brasil às cadeias internacionais de valor, via assinatura de acordos de livre comércio, e pelo abandono das políticas de valorização real do salário mínimo e redução do desemprego. A flexibilização trabalhista, nesse sentido, uniu as agendas da burguesia interna do grande capital e a fração bancário-financeira, descontente com a política de redução de juros.

Todavia, a burguesia industrial, enquanto fração da burguesia interna, diante da abertura do processo de *impeachment* contra Dilma, apresentou posicionamentos distintos, em decorrência dos variados interesses de suas subfrações de classe. O apoio à deposição foi liderado por Paulo Skaf, presidente da Fiesp, e envolveu o pequeno e o médio capital industrial, imersos na crise política e econômica desencadeada com a Operação Lava Jato. O grande capital industrial, entretanto, se manteve neutro em seu posicionamento. Já as associações industriais, que inicialmente se colocaram contra a deposição de Dilma, passaram a apoiar o

impeachment na medida em que percebiam a perda do controle do Congresso Nacional pelo governo. Os estudos também apontam variados interesses na indústria da construção civil. O grande capital passou a enxergar na Operação Lava Jato a oportunidade de associação ao capital internacional, e os pequenos e médios capitais passaram a reivindicar, especialmente durante o governo Temer, maior participação no setor público brasileiro.

Segundo os autores, o capital internacional, presente nas esferas produtiva, comercial e financeira do Brasil, imprimiu importante papel no *impeachment* de Dilma, demonstrando sua capacidade em colocar seus interesses, mascarados de neutros e técnicos, como hegemônicos. Após a saída de Dilma e o início das reformas empreendidas pelo governo Temer, representantes do capital financeiro passaram a recomendar investimentos no país, reivindicando a redução da burocracia brasileira e maior posicionamento das estatais em prol de uma visão de mercado, como no caso do setor do petróleo.

No governo Temer, período da aliança neoliberal, houve o apoio das burguesias internacional e associada na aprovação do Teto dos Gastos e na diminuição dos subsídios do Tesouro nos empréstimos do BNDES. Houve também articulação do grande capital nacional, via reunião de diversas frações burguesas, para a implementação de medidas contra os trabalhadores. Contudo, ainda que as frações burguesas tenham cooptado o movimento reacionário como forma de garantir o controle do processo decisório estatal, a chaga da impopularidade do governo refletiu a sua incapacidade de se eleger via voto popular, isolando os partidos representantes do capital internacional e da burguesia associada. Tratou-se de uma crise de hegemonia que, segundo os autores, permitiu a condução de um governo golpista para um governo fascista.

A crise de hegemonia instaurada acelerou o avanço do movimento neofascista que, encontrando eco na figura de Bolsonaro, polarizou a cena política ao colocar as classes média e pequeno-burguesa como classes reinantes e ao envolver um conjunto heterogêneo de forças nos processos decisórios do governo eleito, como o alto escalão militar e grupos evangélicos conservadores. No período, o capital internacional e a burguesia associada, a grande burguesia interna e os proprietários de terras foram as frações mais contempladas em seus interesses pelo governo, permanecendo, entretanto, o campo de disputa entre elas. Como exemplo, o estudo sobre a cadeia produtiva da soja, citando os produtores da “porteira para dentro”, por meio da Aprosoja Brasil, e os produtores e comerciantes da “porteira para fora”, pela Abiove, demonstra os diferentes interesses defendidos pelas frações de classe que compõem o setor.

Por fim, a riqueza teórica e metodológica dos artigos apresentados na coletânea auxilia pesquisadores, militantes e trabalhadores na compreensão do contexto brasileiro e, por meio dos elementos postos em análise, aproxima os leitores de uma compreensão classista e complexa da realidade. Trata-se de uma aula escrita e, sobretudo, de instrumentalização para a análise da conjuntura brasileira.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

Engels editor de *O capital*

Michael Heinrich

Sobre o conceito marxista de crise política

Danilo Enrico Martuscelli

Trabalho complexo e valor

Gastón Caligaris

Populismo na América Latina

André Kaysel Velasco e Cruz

O Brasil dos gramscianos

Alvaro Bianchi

A Europa em tempo de crise

Marcello Musto

43